

O DISCURSO ANTI-IMIGRAÇÃO NA MÍDIA ARGENTINA: O CASO DOS BRASILEIROS QUE ESTUDAM MEDICINA EM BUENOS AIRES

María Esperanza Izuel¹

Nos últimos anos, a mídia argentina vem colocando em pauta o “fenômeno” dos brasileiros que vão para esse país para fazer curso de Medicina. Algumas manchetes destacam: “Brasileiros monopolizaram a universidade gratuita”; “Onda brasileira em Medicina”. A partir de nossa inscrição teórica na Análise do Discurso francesa, entendemos que esses discursos produzem efeitos de sentidos em função de condições de produção históricas e ideológicas, que vão muito além das condições específicas da enunciação. Neste trabalho propomos analisar as particularidades dessas condições de produção, procurando observar de que forma a discursivização sobre a imigração se articula com o discurso sobre os imigrantes brasileiros que estudam Medicina na Argentina, o que trará reflexões sobre a relação histórica entre ambos os países. Seleccionamos, para nossa análise, sequências discursivas das matérias publicadas em jornais argentinos, assim como dos comentários dos leitores nessas matérias.

Em primeiro lugar, cabe ressaltar que estamos entendendo as condições de produção em sentido lato, nos termos que Orlandi (2007) propõe, isto é, levando em conta o contexto sócio-histórico e ideológico da produção dos discursos, o que implica considerar não apenas o que é dito, mas também os não-ditos e o que foi dito antes, em outros lugares, e foi esquecido pelo sujeito, criando a ilusão de que ele é a origem desse dizer. A dimensão ideológica é, nesse sentido, fundamental para compreender as filiações do sujeito a determinados sistemas de ideias que determinam sua representação de si e dos outros, mesmo que ele não seja consciente disso.

Assim, para analisar os discursos sobre a imigração brasileira na Argentina – e especificamente sobre o caso dos brasileiros que estudam Medicina nesse país – é fundamental considerar determinadas dimensões que compreendem não apenas o contexto atual da situação dos imigrantes no mundo, mas também aspectos históricos e sócio-políticos que envolvem, faz muitos anos, a questão do imigrante como um “problema” a ser resolvido. No caso do Brasil, podemos pensar, por exemplo, na imigração italiana no Brasil, entre 1880 e 1930, que tão bem descreve Payer (2006). Já na Argentina, cabe lembrar da denominação “má imigração” que vigorou no mesmo período e com a que foram designados os estrangeiros considerados “indesejáveis”. Contra esses imigrantes se sancionou, em 1902, a “Ley de Residencia” que autorizava o governo a expulsar os estrangeiros cuja conduta comprometesse a segurança nacional ou perturbasse a ordem pública.

Com isso, queremos mostrar que os discursos anti-imigração não são novos, embora atualmente eles tenham recrudescido e cheguem ao extremo de justificar a deshumanização do outro. Basta observar

¹ Mestre em Letras e Doutoranda em Letras (UFPE). Orientadora: Fabiele Stockmans De Nardi.

fatos relativamente recentes como as ondas migratórias na Europa, nas que refugiados asiáticos e africanos atravessam o mar para fugir da fome e da guerra e cuja problemática ficou midiaticamente exposta a partir da difusão mundial da imagem de uma criança morta, de nacionalidade síria, numa praia turca; ou a cruel separação de mais de 2600 crianças de seus pais nas fronteiras dos Estados Unidos, em um claro gesto de tolerância zero à imigração por parte do governo de Donald Trump, entre tantos outros casos.

Essa dimensão da imigração, impactante e mobilizadora pelo ódio que mostra nas suas expressões mais extremas de racismo, xenofobia, rejeição ao outro, ao que vem de fora, sem dúvida mereceria uma análise mais aprofundada. No entanto, o que nos interessa apontar é que tudo isso conforma também a memória do que é ser imigrante e do que é a imigração, e atravessa os discursos que são produzidos na mídia sobre ela. Essa memória, que opera como condição de produção dos discursos, é constitutiva do sentido. Desta forma, interessa-nos observar de que forma a imigração de estudantes brasileiros é tematizada atualmente na Argentina, focando-nos especialmente na mídia hegemônica que coloca esse fenômeno em termos de “onda”, “enxurrada”, etc, produzindo determinados efeitos de sentidos que podem ser analisados a partir dos comentários dos leitores, onde, a princípio, observa-se uma brecha entre a representação do brasileiro no Brasil – associado em geral à praia, às férias, ao futebol – e a do brasileiro imigrante que, devido a essa condição, liga-se às representações do imigrante em geral – ou, pelo menos, de determinadas nacionalidades – que ocupa outros espaços na sociedade do país receptor e “usufrui” do sistema educativo.

A sequência discursiva selecionada para este trabalho foi extraída de uma matéria publicada no jornal *Clarín*, um dos mais importantes da Argentina em termos de difusão, circulação e relevância política. Inscreve-se, portanto, dentro do discurso jornalístico, que se caracteriza por ter um papel destacado nos processos de reprodução/transformação de sentidos na medida em que os sentidos que (re)produzem estão ligados aos regimes de verdade hegemônicos e categorias de compreensão da “realidade”, cujos efeitos de sentido se apresentam para os sujeitos como naturais e sempre já-lá. Dessa forma, alguns sentidos são cristalizados — contribuindo na criação de uma determinada memória discursiva —, enquanto outros são esquecidos ou apagados. Segundo Pêcheux ([1975], 1995), o mecanismo mediante o qual os sentidos são fixados é ideológico, dado que são as formações ideológicas as que fornecem a cada indivíduo, interpelado em sujeito, sua “realidade”, através da identificação que ele estabelece com determinados sistemas de evidências. Esse processo implica o apagamento do carácter histórico dos sentidos, o que faz com que, para o sujeito, eles se apresentem como naturais, evidentes, completos. Assim, a mídia em geral e o jornalismo, em particular, contribuem para criar sistemas de evidências que são funcionais à reprodução das estruturas sociais de poder. Nesse sentido, afirmamos com Mariani (1998, p. 44) que a mídia funciona como “um elemento fundamental na representação e reprodução dos ‘consensos de significação’ resultantes das hegemonias políticas” (MARIANI, 1998, p. 44).

Na seguinte sequência colocamos a manchete da matéria publicada em *Clarín*:

SD1

Enxurrada de estudantes estrangeiros

Em La Plata² se fala português: brasileiros querem ser médicos e monopolizaram a universidade gratuita. [Clarín, 13/02/2019, tradução nossa³]

Cabe chamar a atenção sobre o fato de que no título se menciona a nacionalidade dos estudantes, embora no conteúdo da matéria não se fale exclusivamente dos brasileiros, nem apenas da universidade pública. Porém, na SD1 observamos que o foco está posto nos brasileiros que “monopolizam a universidade gratuita” – ou seja, pública –. E eleição do adjetivo “gratuita” não é ingênua. A ideologia se manifesta na linguagem e, portanto, as escolhas lexicais não podem ser consideradas aleatórias, mas que carregam uma intencionalidade relacionada com a legitimação de determinados interesses.

Além disso, a ideia de “enxurrada” e de “monopolização” atribui ao fenômeno a ideia de “invasão”, remetendo à memória das ondas migratórias do começo de século XX na Argentina. Cabe assinalar também que, na reportagem, a “enxurrada” é justificada através de estratégias que procuram demonstrar, através de números, porcentagens e infográficos, que esse “aluvión” é real e que o que se vê afetado não é apenas a universidade gratuita, mas também a cidade toda que, de alguma forma, vê se transformada, no sentido negativo, pela perda da sua língua (“Em La Plata se fala português”). Considerando as condições de produção da notícia, podemos afirmar que nesse enunciado se atualiza, mais uma vez, a memória daquelas grandes ondas migratórias que contribuíram a conformar a sociedade argentina, mas que, na época eram consideradas ameaças à “identidade nacional”. Naquele momento, umas das preocupações das elites intelectuais era, precisamente, combater o “perigo” da hibridação e a “contaminação” da língua pelo excesso de expressões idiomáticas surgidas pelo contato com as línguas de imigração.

A matéria analisada tematiza também a questão das condições financeiras e da conveniência dos estudantes brasileiros de estudar na Argentina, o que faz com que o foco da questão se coloque na racionalidade econômica e, em consequência, na gratuidade. Ou seja, a gratuidade universitária é o motivo da enxurrada de estrangeiros. Embora isso não seja explicitado (ou não-dito), o que aparece sugerido é retomado nos comentários exacerbando a relação entre o discurso anti-imigração e o discurso privatizador.

Vejamos :

SD2

Eu estou de saco cheio. Na UBA⁴, na faculdade de Ciências Sociais até um comitê colombiano e venezuelano vi outro dia. Uma vergonha.

² La Plata é uma cidade argentina, capital da província de Buenos Aires, cuja universidade (Universidad Nacional de La Plata) é uma das universidades mais bem avaliadas da Argentina e da América Latina.

³ Título original: Aluvión de estudiantes extranjeros. En La Plata se habla portugués: brasileños quieren ser médicos y coparon la universidad gratuita. Disponível em: https://www.clarin.com/sociedad/plata-habla-portugues-brasilenos-quieren-medicos-coparon-universidad-gratuita_0_4wk2_hV3e.html

⁴ Refere-se à Universidade de Buenos Aires, também pública e gratuita.

SD3

Vamos ver se algum deputado tem culhões para promover uma lei tarifária para estrangeiros que ocupem nossos hospitais e universidades.

SD4

Para que não pensem que tem discriminação, também deveriam seguir o mesmo método para os nativos.

SD5

Atenção médica gratuita, estudos gratuitos, assistência social, usurpação de terrenos, tráfico de drogas, assaltos e até crimes, os “pátria grande” tem encontrado seu “lugar no mundo”, Argentina, onde tudo é possível.

SD6

Tão burros somos, pelo amor de deus, lá fora ninguém nos dá nada, estou de saco cheio de ver meus impostos que vão para bolivianos, venezuelanos, paraguaios, senegaleses, peruanos, colombianos e a lista segue.

Cada uma dessas SD renderia uma análise aprofundada, o que excede os limites deste trabalho. Porém, serve como amostra do teor dos comentários dos leitores e permite nos aproximarmos de algumas conclusões provisórias. A princípio, cabe chamar a atenção sobre dois aspectos específicos: por um lado, a questão da gratuidade e, por outro, a questão da nacionalidade dos imigrantes.

Sobre o primeiro ponto podemos destacar que aquilo que é sugerido e não-dito explicitamente na matéria produz determinadas relações de sentidos que são retomadas nos comentários. Há, dessa forma, uma identificação entre o discurso do jornal e o discurso dos leitores. O discurso jornalístico contribui, assim, a reproduzir um estereótipo do imigrante, como aquele que vem usufruir “de graça” do trabalho, da saúde, da educação, do espaço que não é dele. Isso se vê claramente na SD5 onde, além disso, associa-se o estrangeiro com vários tipos de delito. Esse estereótipo, sustentado na memória discursiva, remete a expressões com sentidos cristalizados que, como aponta Leandro Ferreira (2003, p. 73), “expressam o efeito do já-dito, que resulta de automatismos de memória dos quais os sujeitos estão impregnados”. Isso porque, como comentamos anteriormente, no funcionamento do discurso jornalístico, a mídia opera como agente de (re)produção de uma memória discursiva que produz filiações entre língua e sentidos, gerando ora sedimentações, ora deslocamentos.

Por outro lado, o discurso sustentado na matéria (e especialmente no título) abre espaço, nos comentários, para a formulação de enunciados que defendem o estabelecimento de mensalidades na universidade (SD3, SD4), produzindo assim uma identificação clara com o discurso privatizador.

No que diz respeito ao segundo ponto, embora a matéria coloca a ênfase no caso dos brasileiros que vão para Argentina para estudar Medicina, observa-se que, nos comentários dos leitores, o discurso anti-imigração não está orientado especificamente aos brasileiros e sim a imigrantes de outras nacionalidades: venezuelanos, colombianos, bolivianos, senegaleses, paraguaios, peruanos (SD2, SD6). Assim, o discurso sobre os brasileiros se entrelaça com discursos outros que se inscrevem em formações

discursivas que sustentam discursos de anti-imigração onde, historicamente, os brasileiros não formavam parte dos grupos sociais rejeitado ou, ao menos, questionados.

Esse deslocamento poderia se explicar pelo particular vínculo construído historicamente entre Brasil e Argentina, atravessado por um imaginário de irmandade, mas não qualquer irmandade, pois trata-se de irmãos que brigam (especialmente no futebol), que se burlam um do outro, que se admiram, que compartilham uma história de encontros e desencontros, que dividem fronteiras, que se visitam. Uma relação complexa atravessada por um imaginário de disputa e rivalidade, mas que não impede chamar os argentinos de “hermanos”, denominação que não é utilizada para chamar os habitantes de outros países vizinhos e que parece produzir um efeito de relativa igualdade em uma suposta hierarquia de países latino-americanos.

Assim, podemos concluir, por enquanto, que, pela própria especificidade da relação imaginária entre ambos os países, o discurso sobre os brasileiros sustentado na matéria é deslocado para um discurso contra a imigração em geral – que, como afirma Payer (2016), estrutura-se com base na polarização imaginária entre identidade e alteridade – e que se articula com o discurso privatizador promovido pelo jornal.

REFERÊNCIAS

- LEANDRO-FERREIRA, M. C. A antiética da vantagem do jeitinho na terra em que deus é brasileiro (o funcionamento discursivo do clichê no processo de constituição da brasilidade). In: ORLANDI, E. P. (Org.) *Discurso fundador*. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003. p. 69-79
- MARIANI, B. S. C. *O PCB e a Imprensa: Os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.
- PAYER, M. O. *Memória da língua: imigração e nacionalidade*. São Paulo: Escuta, 2006.
- PAYER, M. O. A condição humana de imigrantes à deriva: corpos, línguas e diluição do sujeito. In: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. (Orgs.) *A análise do discurso e sua história: avanços e perspectivas*. Campinas, SP: Pontes, 2016. p. 343-358.
- PÊCHEUX, M. (1975) *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi et al. 2.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1995.